

# Temos que acreditar nos mansos: - eles têm as chaves do futuro

## Mansidão - Léxico do bem-viver social /16

Por Luigino Bruni

publicado em [Avvenire](#) em 12/01/2014



As palavras que nunca envelhecem são as que conseguem morrer e ressuscitar em todas as épocas. A **mansidão é uma delas**; era já muito grande nos salmos, no Evangelho e nas antigas civilizações orientais; os grandes mansos da história fizeram-na ainda mais sublime: o **Padre Kolbe**, muitos mártires de ontem e de hoje, **Gandhi...**; e tantos outros desconhecidos dos noticiários que com a sua humilde mansidão todos os dias tornam melhor a terra de todos nós.

A mansidão é a **resposta virtuosa ao vício da ira** que, como em nenhum outro tempo, domina hoje o espaço público, tornando mau o ambiente nos nossos locais de trabalho, nas reuniões de trabalho, de condomínio, no trânsito urbano, nas reuniões políticas. Se não existissem os mansos, a nossa ira produziria muitas mais guerras e feridas que tornariam as cidades impossíveis de habitar: seriam dominadas pela reciprocidade de Lamek; haveria assassínios por causa de um risco na parede feito por crianças.

**A mansidão de poucos cura e acode à ira de muitos.** Bastaria isto para mostrar como é preciosa e indispensável a existência dos mansos que são a primeira minoria profética que eleva o mundo, o fermento principal, o sal primário da terra. São eles os verdadeiros não-violentos porque, com a sua fortaleza, impedem que a violência domine o mundo e os nossos mundos. Além disso, a mansidão dá vida – e por vezes com alegria – aos doentes crónicos; ajuda a envelhecer e morrer bem; dá resistência em longas e duras provas da vida sem ira ou azedume para com os outros e consigo mesmo, mas deixando que docilmente lhes acariciem a cabeça: são os mansos que “*ad manum venire suet*”.

Quando em certos momentos, muitas vezes de repente e sem aviso prévio, chegam à nossa vida desventura e grande dor, **estar treinado na mansidão permite suportar pesados fardos**. É a mansidão de **Job** que, sentado sobre um monte de cinza, não segue o conselho da mulher – “amaldiçoa Deus e depois morre”; continua a viver, a resistir, a lutar docilmente. Nestas decisivas fases da vida a mansidão transforma-se em exercício doloroso e feliz de mergulhar na própria interioridade, para aí descobrir, escondidos, recursos e valores mais profundos dos que à nossa volta estão vacilando ou desapareceram.

E aprende-se a dizer “*ámen*”. Para dizer bem, sem ira nem maldade, “*ámen*” nos momentos mais importantes da vida – especialmente no último – é necessária a virtude-bem-aventurança da mansidão. Disse-me certo dia um amigo e manso mestre: “*Se a vida te põe de joelhos uma vez, levanta-te; se te voltar a por de joelhos uma segunda vez, levanta-te de novo. Mas se te põe de joelhos uma terceira vez, então, para ti, talvez tenha chegado a altura para rezar*” (**Aldo Stedile**). Também o perdão verdadeiro, que não é apenas esquecermos para nos sentirmos melhor, que não é tomar para si (*for-get*) mas dar (*for-give*), requer a mansidão. O manso é capaz de perdoar porque perdoando permanece dócil, pronto a apertar de novo a mão que o magoou.

Na tradição hebraico-cristã, **a mansidão está associada à herança da terra**. Mas de que terra? A primeira que os mansos herdaram é a “*terra prometida*”, a terra do advento de um reino de paz e justiça desejada por todos os homens e civilizações de ontem, hoje e amanhã. Herdam antes de mais o dom de olhos capazes de “*ver*” essa Terra, capazes por isso de desejá-la e de amá-la.

Não se começa – nem se continua – nenhuma viagem, nem se atravessa um deserto sem antes se conseguir entrever, e antes ainda, desejar a realização de uma promessa. Se não tivéssemos diante de nós uma terra prometida, nova e melhor, como seria possível lutar, mansamente, para tornar melhor a nossa terra ferida?

**A herança da terra**, porém, é também **a que os nossos filhos** receberão amanhã **se nós hoje formos mansos**. Há, de facto, uma mansidão no uso da terra, dos seus recursos, dos seus bens, da água, do ar, uma mansidão de que temos extrema necessidade. Cada vez que somos violentos com a terra e com os seus recursos diminui o valor da sua herança. **A mansidão está diretamente ligada à proteção**: o manso Abel e o não-protetor Caim estão perante nós como opções radicalmente alternativas e sempre possíveis. O manso protege o *oikos* (a casa) e por isso faz uma *oikonomia* mansa. Uma economia mansa utiliza os recursos sabendo que os herdou e que os deve deixar em herança. **Se fôssemos mansos outras seriam as contas a fazer para avaliar o nosso crescimento e o nosso bem-estar**. Os algoritmos dariam um peso muito maior ao consumo de recursos não renováveis e a todos os que encontrámos na terra e que deveremos deixar em herança. O “destino universal dos bens”, princípio base da doutrina do Bem comum, diz respeito sem dúvida ao espaço mas interpela, sobretudo, o tempo. Se assim fizéssemos, a preocupação pelo “depois de nós” tornar-se-ia uma cultura geral que nos conduziria a usar todos os bens comuns com o mesmo cuidado com que se usa o que é dos filhos.

Pelo contrário, **o capitalismo individualista** – que precisamente nestes tempos de “crise” se está a propagar sem oposição – é demasiadas vezes **violento no uso dos recursos**, trocando a qualidade do ambiente, ar e água de amanhã, o futuro de povos inteiros (penso especialmente na África) por alguns graus de temperatura a mais ou a menos nas casas do norte do mundo; e – com avidez – continua a comer terra, ambiente, pobres; **não inclui as periferias; devora-as**. Além disso, mansidão económica significaria, sobretudo para as grandes empresas, reduzir a agressiva presença da publicidade a toda a hora, deixar de explorar os recém-formados que nesta fase de escassez grave de trabalho estão muito expostos a chantagem, reduzir a velocidade e a agressividade da finança especulativa, mitigar a linguagem arrogante e vulgar dos poderosos, dobrar e amansar a mão de muitos bancos para com empresários e famílias ou a da administração pública para com quem sempre pagou impostos e agora, caído em desgraça, já o não consegue fazer.

**Com a sua linguagem típica** – diversa mas profundamente ligada à das outras virtudes e bem-aventuranças – **a mansidão diz-nos**, então, **uma verdade antiga** que se coloca no centro da vida em comum. Quando olhamos para o espetáculo da vida que todos os dias se desenrola diante dos nossos olhos, a primeira impressão forte é que são os espertos, os violentos e os maus que prevalecem e têm sucesso. Os mansos parecem perdedores, marginalizados e esmagados pelos golpes dos poderosos, dos violentos; uma iniquidade que provocou também o desiludido grito de dor de **Norberto Bobbio**: "*Ai dos mansos: não será deles o reino da terra*" ("Elogio da mansidão"). As histórias e a verdade da mansidão ordinária e extraordinária, pelo contrário, dizem que esta primeira impressão, embora real, não é necessariamente a mais verdadeira. **Para quem fizer as contas dos ganhos e custos verdadeiros da vida** individual e social, que não se avaliam principalmente em moeda, **são frequentemente pessoas e comunidades mansas que registam mais alto proveito**: "*Fui jovem e agora sou velho, e nunca vi o justo desamparado, nem os seus filhos a pedir esmola*" (salmo 37).

Se no futuro tivermos uma economia melhor do que a atual, na qual os jovens possam trabalhar e não mais "mendigar o pão", não será graças às promessas dos poderosos, mas pela ação forte, silenciosa e tenaz de muitos mansos. Bem-aventurados os mansos, porque hão-de ter a terra por herança.

---

(1) NdT - Lameque é um personagem bíblico do Antigo Testamento mencionado no livro de Gênesis como filho de Metusael e um dos descendentes de Caim da quinta geração deste, que teria cometido o segundo homicídio na história da humanidade.

